



ESTUDO DE CASO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Cristine Siqueira Lima (cristine.lima@wlasan.edu.br)
Jéssica Ceratti (jessica.ceratti@wlasan.edu.br)
Jessica Ferreira (jessica.ferreira@wlasan.edu.br)
Karine Wurschig (karine.wurschig@wlasan.edu.br)
Kéren do Nascimento (karen.nascimento@wlasan.edu.br)

RESUMO

Esse estudo de caso tem por finalidade pesquisar e entender a Educação Formal durante a pandemia da Covid-19. A partir de indagações da disparidade de educações e dos próprios fundamentos e princípios da sua função social, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas individuais, sendo uma com a professora A, representando uma instituição privada, e uma com a professora B, representando uma instituição de ensino público estadual, ambas conduzidas também pela fala e contribuições das professoras. A escolha proposital das instituições (privada e pública) se deu para que se crie um contraste, para que sejam analisadas as diferentes realidades, como cada escola tem desempenhado seu papel (do ponto de vista das professoras) e lidado com problemas como recursos, métodos e meios, e, principalmente, como essas professoras desempenharam seu papel. O documento se desdobra com comparações das realidades, do desenvolvimento docente de ambas as professoras, da instituição na qual trabalham e as condições sociais que realizam seus ofícios. É esperado que se constate a desigualdade na educação e, também, como a pandemia da Covid-19 pode ter contribuído para aumentar a lacuna entre essas duas realidades.

Palavras-chave: Covid-19, Desigualdade, Educação, Ensino Remoto.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Protocolo de Manejo Clínico para o Novo Coronavírus, publicado pelo Ministério da Saúde em fevereiro deste ano, “o novo Coronavírus (2019-nCoV) é um vírus identificado como a causa de um surto de doença respiratória detectado pela primeira vez em Wuhan, China” (Ministério da Saúde, 2020, p. 5).

O surto trouxe grandes preocupações por se tratar de uma pandemia ampla e facilmente contagiosa e, por isso, a Organização Mundial de Saúde adotou medidas de prevenção e controle, distribuindo informações públicas referentes aos cuidados a serem tomados para que o contágio seja controlado. Alguns cuidados são referentes à higiene



peçoal, como lavar as mãos com frequência, evitar tocar o rosto e usar máscara e, ainda no protocolo, o Ministério da Saúde recomenda “ficar em casa e evitar contato com pessoas quando estiver doente” (Ministério da Saúde, 2020, p. 18).

Observando a conduta de países afetados anteriormente, o Brasil optou pelo isolamento e/ou quarentena, dependendo, também, do governo de cada estado do país. Tais movimentos, sem dúvida, trouxeram grandes impactos em todas as áreas de atividades humanas. De acordo com Jonas Valente, São Paulo, estado em questão, foi o único estado que adotou de fato a quarentena: “suspendeu atividades de comércio, shoppings, eventos, atividades culturais e boates. Foram mantidos estabelecimentos como supermercados, farmácias, padarias, clínicas, postos e serviços de logística”. Aqui, incluímos nosso objeto de estudo: as unidades escolares.

A Covid-19 gerou impactos na educação de modo complexo, e isso trouxe discussões e reflexões acerca de realidades sociais, econômicas e emocionais referente às mudanças, problemas e desafios das creches, colégios, escolas, universidades e faculdades, tanto no setor público, quanto no privado.

É fato que mudanças foram necessárias na educação. Diferentes estratégias foram adotadas por vários países, que influenciaram direta ou indiretamente nas mudanças propostas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) juntamente com o Ministério da Educação (MEC).

Uma diretriz foi criada e aprovada por todos os 21 conselheiros da CNE, para orientar o ensino nas diferentes etapas da Educação Formal, com o intuito de mitigar o impacto durante os tempos pandêmicos. Nas discussões acerca da validação do ano letivo, o ensino remoto emergencial foi a alternativa para minimizar as reposições presenciais.

Para repor a carga horária ao fim do período de emergência, o CNE sugere a utilização de períodos não previstos como recesso escolar do meio do ano, de sábados, e a reprogramação de períodos de férias. A ampliação da jornada escolar diária por meio de acréscimo de horas em um turno ou utilização do contraturno para atividades escolares também são alternativas que podem ser consideradas (Portal do MEC, 2020).

Percebe-se a tentativa do governo em minimizar os efeitos educacionais que a pandemia trouxe, porém é preciso analisar como isso aconteceu dentro de cada contexto social e entender que as diretrizes são somente um alicerce para paridade nacional, e que

cada segmento (estadual, municipal ou particular) irá usar seus recursos e profissionais em direção e adaptação do seu próprio currículo.

Conhecendo essas implicações, muitas indagações surgiram em torno dessas mudanças. Como está sendo fundamentado o ensino-aprendizagem no Ensino Remoto? Qual a significância e afetividade dentro dessa adaptação? Como o Currículo tem sido adaptado e transformado na medida de emergência para que o ensino continuasse de qualidade mesmo nesse modelo remoto? Como está ocorrendo a falta do chão da escola na rotina dos envolvidos? Os profissionais têm buscado metodologias para afetar os alunos? Como tem sido a participação das famílias sobre o processo educacional dos alunos?

Esses problemas e desafios questionados foram futuramente estruturados em categorias, de forma que contemplassem âmbitos que deram vida a essa pesquisa.

OBJETIVO

Essa pesquisa almeja identificar as diferenças das classes sociais na educação e como a pandemia da Covid-19 pode ter contribuído para aumentar a lacuna entre a educação pública e privada.

METODOLOGIA

Escolhemos como método, para angariar dados significativos, entrevistar duas professoras que trabalhassem em instituições diferentes (privada e pública) para identificarmos e analisarmos essas duas realidades educacionais: a educação pública e a privada dentro de um mesmo município.

Através de uma entrevista semi-estruturada, para que, de acordo com Boni e Quaresma (2005) pudéssemos discorrer sobre o tema, de futuras professora para professoras:

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o

assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras [...]. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados (BONI e QUARESMA, 2005, p. 75).

Nomeamos 'Professora A' a professora que desempenha seu papel no ensino privado. Atualmente ela atua na Pré-Escola, Jardim 5 (crianças de 5 anos) com uma turma de 20 alunos. Ela é graduada em Pedagogia e conta com três anos de experiência, e nomeamos 'Professora B' a professora que desempenha seu papel no ensino público, na rede estadual. Atualmente ela atua no 9º ano do Ensino Fundamental como professora especialista de Português, com 4 turmas de 42 alunos cada. Ela é graduada em Letras e licenciada em Pedagogia e conta com 10 anos de experiência.

A relevância para esse estudo é primordialmente sobre seu ambiente de atuação, onde procuramos analisar, econômica e socialmente, os recursos disponíveis para atuação, independente de sua área de formação ou faixa etária que trabalha atualmente. Vale ressaltar a importância de conhecer tais informações somente para uma análise de caso individual.

Pedimos para que ambas, no formato de vídeo chamadas individuais, respondessem às 13 perguntas presentes no Anexo.

As perguntas deste questionário eram um guia para que pudéssemos ouvir as professoras. Cabe a ressalva, de Boni e Quaresma (2005) que a ideia era ouvi-las e conduzir a entrevista também pela fala e contribuições das professoras, acrescentando perguntas relevantes, que aqui chamaremos de pergunta complementar, ou pulando perguntas que já haviam sido respondidas em outro momento.

As entrevistas deram vida a cinco categorias, com dados e ideias que achamos relevantes para que esse estudo fosse significativo. De acordo Bogdan e Biklen, esse é o intuito de uma entrevista:

A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN e BIKLEN, 2003, p. 134).

Essas categorias contam com pontos importantes que possibilitam um contraste, para que sejam analisadas as diferentes realidades: como cada escola tem

desempenhado seu papel (do ponto de vista da professora), como estão lidando com problemas como recursos, métodos e meios em curso e, principalmente, como essas professoras desempenharam seu papel nessa pandemia tão singular.

Para articular com as respostas trazidas pelas professoras acerca das vivências do atual momento e fundamentar nossas discussões, relacionamos temas-chave como: o desenvolvimento afetivo entre as professoras e alunos, a psicologia da aprendizagem e os desdobramentos no Ensino Remoto, a importância e relevância do currículo, a história e compreensão do pensamento pedagógico brasileiro e os princípios e fundamentos da Educação como conceito universal.

AS CATEGORIAS

As categorias, conforme Bogdan e Biklen (2003, p. 221), “constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu, [...] de forma a que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados”.

Juntando nossas indagações iniciais com as gravações das entrevistas, nossas anotações e percepções pessoais acerca delas, nosso conhecimento e debates acadêmicos, criamos cinco categorias que consideramos relevantes para a análise e entendimento da discrepante realidade social no Ensino Remoto. São elas:

- a) Acessibilidade ao Ensino Remoto;
- b) Afetividade professor-aluno;
- c) Alteração curricular;
- d) Chão da escola;
- e) Participação da família.

Sabemos que as entrevistas apresentaram diversos dados de grande relevância e de uma abrangência ainda maior que as contendo nessas categorias, porém, o foco deste trabalho está concentrado nas cinco categorias, revelando nossas compreensões e ideias a respeito de cada uma, e as falas das duas professoras em questão, destacadas em quadros, salientando pontos relevantes das nossas discussões e resultados.

ACESSIBILIDADE AO ENSINO REMOTO

O percurso da Educação Formal no Brasil sempre foi um desafio. De acordo com Aranha (2006), a educação se inicia com a chegada do Padre Manuel de Nóbrega, em 1549, com um ensino para ler e escrever, marcada por ensinamentos religiosos. A acessibilidade era somente a alguns indígenas e aos filhos dos colonos.

Ribeiro (2001) conta como Pombal questiona essa educação mais de 200 anos depois e Aranha (2006) mostra como Dom João VI implementa muitas mudanças nas instituições educacionais no período que chamamos de Joanino e vemos a acessibilidade dessa educação, principalmente, para a coroa Portuguesa e sua colônia com terras e poder estatal.

A lenta evolução da educação demonstra que as tentativas de minimizar esse espaço entre os povos é árdua e penosa. Já em 1988, quase 439 anos depois, a educação dá um passo em direção à acessibilidade e é reconhecida como um direito:

O Artigo 205 da Constituição Federal de 1988: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Artigo 205, 1988).

É cada vez mais claro que a acessibilidade sempre foi um ponto discutido e, além disso, notável e responsável pela desigualdade social. Mesmo com o Artigo 205 em vigor, a realidade ainda é distante de atender à demanda.

A história da educação nos desperta para o quanto esse fator nunca foi uma tarefa fácil. No atual momento pandêmico, mesmo que com muitos avanços em algumas décadas, podemos perceber que, para as classes dominantes, esse novo formato de educação (remoto), favoreceu mais uma vez:

“Todas as famílias têm acesso, algumas crianças têm seus próprios dispositivos.” Professora A

“Até hoje estão sendo transmitidas essas aulas [Centro de Mídias], lá tem um chat, fora esse aplicativo [Classroom] que o governo ‘deu’, né? Ele proporcionou isso para alguns alunos, porque não são todos os alunos que têm acesso. É importante tocar nesse assunto, não são todos os alunos que tem internet, não são todos os alunos que às vezes tem celular. Acredito que muitos deixam de entregar a tarefa ou até mesmo participar porque compartilha o mesmo dispositivo com o resto da família toda.” Professora B

Pensando, então, em todos os desdobramentos que o ensino engloba, pode-se dizer que todas as mudanças vieram para diminuir uma diferença, mas as classes elitistas ainda continuam com o privilégio de um ensino de qualidade:

Caso contrário, se não forem adotadas medidas essenciais para a continuidade dos estudos, seja em momentos adversos, ou não, permanecerá a existência de barreiras educativas que irão provocar o afastamento e assim a marginalização de uma sociedade (CUNHA; HENRIQUES; ARAÚJO *apud* MARQUES, 2020, p. 34).

A falta de recursos para buscar os alunos e até mesmo pela falta de tempo hábil para tal, de suprir a demanda em sua ordem totalitária e de preparo para que os profissionais engajem-os na aprendizagem significativa, faz com que ainda menos crianças acessem seus direitos.

“Em cada sala tem 42 alunos. Regularmente dessas salas entram 20, 21 alunos que são os alunos que entregam as atividades de uma forma mais regular. Aí, eventualmente, tem um outro que vai entregando, e tem uma parte de alunos ali, sei lá, dos 13 alunos que agora que estão voltando e nem todos, né? Mas assim, o que que nossos coordenadores comentam, pelo menos para gente, é que a nossa escola ainda tá com aproveitamento bom, com relação a outras escolas do estado. A gente percebe que tem muitos alunos de outras escolas que sumiram mesmo, e fica difícil até para a escola ficar ligando na casa, né? Minha escola pega a lista dos alunos que nós estamos ligando para ver se consegue retornar [o aluno].” Professora B

É notável quando a professora A, conta sobre todo o apoio pedagógico da coordenação e orientação, e de materiais físicos para preparar e atender os professores em suas aulas em casa, ao passo que a professora B relata que muitos professores não tinham sequer recursos e também não estavam preparados com habilidades tecnológicas para desenvolverem aulas ou gravarem vídeos. Ela relata também que o estado disponibilizou, quase seis meses após o início da pandemia, uma verba simbólica para auxiliar nesse problema.

“A rede estadual não têm computador. Então ficava muito difícil para eles gravarem aula, prepararem material e ir em busca de aluno, ficava super difícil. [...] Agora foi liberado uma verba de R\$ 2.000,00 paga em doze parcelas de R\$ 84,00 para comprar um tablet ou notebook. No meu caso isso já não rolaria mais porque o notebook já tenho. Tive que comprar recentemente... Eu estava esperando essa proposta para comprar o projetor [para trabalhar presencialmente], mas o projetor nem foi colocado ali na lista.” Professora B

É nítido que a escola estadual em questão não tem estrutura para dar suporte aos professores em relação à materiais. Na possibilidade de um retorno parcial, onde metade dos alunos assistiria aula presencial e metade continuaria assistindo aulas remotas, a professora ainda teria que usar dispositivos pessoais para atender a demanda e atingir a todos os alunos.

“O celular nosso é de uso pessoal e ele misturou! Misturou tudo! Então não deu tempo da gente pegar um número que fosse para trabalho, a gente tá usando o número pessoal. O email depois veio. A gente entrou em contato [com os alunos] com os emails institucionais”. Professora B

Com isso, é possível entender que a acessibilidade ao Ensino Remoto retrocedeu a educação mínima formal na rede pública, onde pelo menos metade dos alunos dessa escola não deram continuidade aos estudos e avançou na rede privada, com novas habilidades desenvolvidas e novos recursos que, definitivamente, alcançaram seu lugar nas futuras gerações e mudanças na educação.

AFETIVIDADE PROFESSOR-ALUNO

Muitas questões podem ser levantadas em relação ao percurso da afetividade no Ensino Remoto, que está sendo a ponte entre a escola e o aluno. A escola, que sempre foi lugar de trocas, de descobertas, de investigação e de relações, rapidamente precisou se readaptar dentro da casa de cada aluno e de cada professor. Os computadores e aparelhos digitais tornaram-se recursos fundamentais para que a escola continuasse cumprindo sua função social.

Pensando neste âmbito digital, ambas as professoras relatam como foram desenvolvidas as relações sociais e afetivas, juntamente com a capacidade de construção de conteúdo:

“Toda semana e todos os dias vai ter que ir um vídeo que a gente não pode deixar essas crianças em casa sem nada, sem receber nada, a gente não pode parar do nada. [...] No começo foi contornado por que a gente precisa pensar em videozinho, atividades, histórias, em coisas para fazer com as crianças, assim dois minutos, sabe? Pensa rápido e faz! A gente conseguiu fazer isso na primeira semana, foram

vídeos gravados da escola, aí na segunda semana a gente veio para casa, né? Vim para casa e começo a gravar vídeos de casa aí logo na terceira semana nós começamos a entrar com as aulas [síncronas], né! Colégio comprou mais sala Zoom.” Professora A

“Eu, desde o começo, eu já senti essa necessidade de ter esse contato pelo menos uma vez na semana ao vivo, mesmo que fosse com três alunos, para mim já tava valendo, sabe? Então primeiramente a gente começou, eu e a outra professora já fomos fazendo, depois a coordenação já abriu para todo mundo como sugestão. [...] Mas eu sentia necessidade, eu sinto necessidade, e como eu tenho ferramentas e um pouco mais de facilidade ali e o contato com os alunos, eu procuro entrar toda semana, se a gente não entra também eles ficam meio perdidos. Não é só chegar e falar: ‘olha a matéria é essa, a correção é essa’ no comecinho a gente conversa, eles tem dúvida, tem dúvida do que tá acontecendo na escola, aí tem que falar, conversar... Para então entrar na matéria, mas assim, para mim, é uma das etapas que são imprescindíveis. Para mim, a chamada de vídeo é importante nesse sentido, né... Não fazer é complicado.” Professora B

O contato físico, o “eu, o outro e o nós” e as interações foram perdas significativas para a docência. A distância e isolamento trouxeram o movimento remoto e a escola, por sua vez, precisou pensar em estratégias para que a afetividade não se desprendesse das relações entre os alunos, professor e aluno, e aluno e professor. A esperança é que a tecnologia, em toda sua potência, possa proporcionar, mesmo com todas essas manobras de práticas, a afetividade de forma positiva para o processo de ensino e aprendizagem. Ambas as professoras relatam sobre a afetividade, nesses encontros remotos, de forma positiva:

“As relações estão mais fortes, houve mais aproximação dos alunos e das famílias, sem contar que, também, aproximou mais ainda as equipes da escola, nesse movimento de ajudar, compartilhar... Sinto que deixou as pessoas mais humanas. Foi mais proveitoso do que negativo.” Professora A

“Falando do meu contexto, da minha relação com eles, eu sempre fui muito tranquila com os alunos, eu gosto de conversar muito com eles, acho que é até da minha disciplina, então se não tiver diálogo ali fica difícil pra eles se soltarem, principalmente para fazer leitura, então eu preciso conversar bastante, conhecer eles bastante para ter essa afetividade. E até pelo número de aulas, essa afetividade se dá de uma maneira mais fácil, no presencial também, porque eu sou a professora que “mais enche o saco” deles, porque eu vivo mandando mensagem, chamando pra participar das chamadas, principalmente esse contato no Whatsapp.” Professora B

A professora B ainda cita que para “resgatar” os alunos, que têm dificuldades de acesso ou aceitação deste novo modelo de ensino, é necessário certos cuidados e, principalmente, uma atenção afetiva para que obtenha sucesso:

“[...] tem alunos que são mais afetivos, então a gente vai mais pelo afeto, e eu acho que nos momentos que a gente vai resgatar os alunos, não tem como a gente chegar com os dois pés na porta, né? Senão a gente já distancia e não tem como mais voltar, então tem que ter esses cuidados na hora de conversar com eles, mas eu acredito que a afetividade é super importante também para enlaçar, estreitar esses laços para eles se sentirem mais à vontade, porque eles têm muita vergonha. Essa afetividade, essa receptividade são muito importantes para deixar eles mais à vontade.” Professora B

Segundo Wallon (1979), a afetividade envolve acreditar que quando o conceito é trabalhado nas escolas, os alunos são capazes de resolver os conflitos em sua vida de forma autônoma e a socialização com o meio ocorre de modo participativo. Essa construção acontece com a intervenção dos professores nos momentos propícios e, por mais que a tecnologia por si só não permita que os afetos se concretizem, ainda assim o trabalho do docente pode ser fundamentalmente modificador. É importante ressaltar, de acordo com Caldeira (2013, p. 23635), que “as manifestações de afeto, muitas vezes presentes na relação do educador com o educando, podem contribuir no aprendizado do aluno e até mesmo na evolução do professor como educador”. Assumimos, com o estudo, que tais manifestações não necessariamente precisam ser físicas. Com as aulas remotas, a afetividade tomou outras formas, e um sentido mais emocional que físico.

A professora A relatou a importância do desenvolvimento e reconhecimento emocional para a contribuição da aprendizagem:

“Acho que é muito mais importante do que qualquer desenvolvimento pedagógico. Se a criança não está com seu emocional bem desenvolvido, com seu emocional preparado para qualquer aprendizagem, ela não vai absorver nada, ela não vai aprender nada.” Professora A

Portanto, no decorrer das entrevistas, foi possível identificar que ambas as professoras recorrem para que os laços afetivos de outras formas, para que não se perca significado e aprendizagem durante o Ensino Remoto:

“Gente, eu nunca vou esquecer dessa turminha, [...] essa turma sempre vai estar aqui para gente que dá aula assim. [...] essa turma vai ficar para sempre. Vocês vão viver e vão lembrar disso para o resto da vida.” Professora A

“Eu gravava no começo bastante tutorial... Pegava a tela do computador e gravava ou gravava a tela do celular pra mostrar como que faz para entrar, como que faz para mandar atividade. Eu gravando

mesmo, minha voz ali, fazendo, ensinando eles com esses tutoriais. Eu preferia fazer os tutoriais do que pegar da internet, porque eu sentia que eu fazia um pouco mais rápido e eles já tinham uma familiaridade com a minha voz, e aí eles foram aprendendo, os que entravam, né... E aí com o passar do tempo foram entrando mais alunos, a gente ia mandando mensagem 'viu, você não tem o número do fulano de tal ele tá sumido'. Alguns a gente conseguiu resgatar, outros a escola conseguiu resgatar."
Professora B

ALTERAÇÃO CURRICULAR

É notório que o Projeto Curricular sofreu alterações e, compreendendo-o como um organismo vivo e de transformações, nos respaldamos em Coll (1997) para que os projetos sejam elaborados respondendo as seguintes questões: o que ensinar, quando ensinar, como ensinar, o quê, quando e como avaliar, para que possam organizá-lo por áreas e repertório da cultura local.

Goodson (1995, p. 72), traz a concepção de currículo como "construção social" e, sob essa perspectiva, se faz necessário que tudo o que constitui o currículo, seja construído acompanhando os sujeitos que dele, fazem o uso.

"Todo o planejamento no começo do ano estava lindo no papel, né? A gente tinha tudo planejado até o final do ano, até a formatura! Eu tenho formatura com a minha turminha, só que aí veio a pandemia e então pegou todo mundo de surpresa, a escola foi pega de surpresa, porque ninguém estava preparado pra isso. E aí a gente teve que começar a gravar vídeos do colégio, que até então as primeiras semanas de quarentena nós ainda continuamos no colégio mesmo sem alunos e então nós gravávamos os vídeos de lá, e assim um dia minha coordenadora chegou e falou:

- Vocês vão ter que gravar vídeos... Pensem aí o que que vocês vão fazer, comecem a gravar que a gente vai ter que mandar um vídeo toda semana. Toda semana e todos os dias vai ter que ir um vídeo que a gente não pode deixar essas crianças em casa sem nada, sem receber nada. A gente não pode parar." Professora A

"O governo deu 15 dias de recesso para os professores do Estado e 15 dias de férias. Já nesse primeiro momento, durante nossas férias, mesmo assim a gente ficava conversando para ver ainda como ia voltar, então quando voltou em abril, a gente já tava tudo esquematizado, já tava com os planos do Classroom, como que ia funcionar. [...] E o governo do Estado também estava se organizando com as plataformas, né? Então o governo criou um aplicativo que é o "Centro de Mídias" da Educação do Estado de São Paulo, para dar um suporte. Nesse aplicativo são transmitidas algumas aulas, não a grade geral, mas, por exemplo, Língua Portuguesa são 6 aulas na semana, neste aplicativo são realizadas apenas 3 aulas, então é metade, exatamente para o estudante não ficar sobrecarregado. Até hoje estão sendo transmitidas essas aulas, no centro de mídias tem um chat, fora esse aplicativo que o governo 'deu'." Professora B

Uma vez que o currículo é entendido como esse organismo vivo, as metodologias são dinâmicas, que caminham e se moldam respeitando os alunos como sujeitos em

formação e centro do processo de ensino, que podem participar, interagir, discutir, colaborar e que participa da construção de diálogos e discussões, para que não seja apenas uma transmissão de saberes e sim para que ocorra uma troca, um desenvolvimento de pessoas capazes de atuar, de se conhecer, de modificar a sociedade em que vive para melhor, tanto aluno quanto professor. César Coll, defensor do currículo como um documento que está em permanente mudança é citado pelo *site* Gestão Escolar com uma citação que transmite isso:

A realidade sociocultural e econômica do aluno influencia em seu desempenho, assim como as condições de trabalho do professor e o aparato que o sistema oferece para ele formar-se e aprimorar sua prática (COLL *apud* Gestão Escolar, 2003).

A Base Nacional Comum Curricular de 2017, que orienta as instituições para a formação dos currículos, estabelecendo os objetivos a serem alcançados, as competências e habilidades julgadas extremamente importantes para o desenvolvimento integral, permite que esse currículo seja apto de adaptação e transformador na medida que é necessário para que as práticas educacionais sejam concretizadas.

As professoras entrevistadas, trazem como está sendo desenvolvido o projeto curricular, que se moldou conforme a necessidade do momento:

“A secretaria de ensino e a coordenação da escola deram suporte e orientação para todos os professores. Os conteúdos são organizados, e diariamente é postado na plataforma Classroom atividades e materiais para acesso do aluno. Foi organizado um cronograma de postagem para não sobrecarregar os alunos.” Professora A

“A coordenação vem bem forte ali para dar todo suporte. Saber quais habilidades trabalhar, porque às vezes no começo, alguns professores ficavam mais perdidos, trabalhando habilidades que não eram mais essenciais.” Professora B

Pensando nesse currículo em tempos pandêmicos, percebe-se que o corpo docente como um todo, juntamente com os responsáveis pelas instituições permanecem com esse olhar atento ao indivíduo como pertencente do mundo em que vive, conseguindo dar continuidade no processo de ensino-aprendizagem através dessas modificações e adaptações, sempre pensando nos meios que facilitem o percurso dos alunos.

CHÃO DA ESCOLA

“O chão da escola não pode ser substituído pelo ensino a distância, pois nesta fase eles estão em um processo de ensino onde o chão da escola vai proporcionar a autonomia, interação social entre eles e os professores, para uma preparação onde futuramente terão que fazer escolhas e refletir sobre suas ações e reações.” Professora A

“Não, [o chão da escola não pode ser substituído pelo ensino à distância] eu acredito que nessa fase que eles estão, o dia que eles fizerem uma faculdade, uma pós-graduação a distância – assim como eu fiz e pra mim foi difícil fazer a pós a distância – para eles, são processos do chão da escola que vão ir ajudando, para ir ensinando esses processos de autonomia, para preparar para depois. Eu acho que a gente não pode pular essa etapa.” Professora B

Esse é o relato de ambas as professoras, ressaltando a importância da aula presencial, quando questionadas sobre essa nova modalidade: o Ensino Remoto.

Para Piaget (1923) a comunicação é essencial para o desenvolvimento da criança, juntamente com o ambiente e a interação com esse meio, o conhecimento acontece a partir da relação de novas ideias e experiências vividas.

As relações construídas no chão da escola, não são somente realizadas de aluno para aluno, mas para aluno-professor, aluno-coordenador, aluno-funcionário, entre tantas outras relações, permitindo-os expandir suas consciências e conhecimento da diversidade, para que se tornem adultos autônomos e capazes de se relacionarem em sociedade. A 6ª competência geral da BNCC diz que:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BNCC, 2017, p. 9).

O chão da escola, é esse lugar que também possibilita o desenvolvimento da inteligência emocional. Santos traz a seguinte definição:

A Inteligência Emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual (SANTOS, 2000, p. 46).

Segundo a concepção de escola como local que propicia um desenvolvimento

integral, as habilidades emocionais podem ser construídas através das vivências. O livro *“O foco triplo: Uma nova abordagem para a educação”* de Daniel Goleman e Peter M. Senge, traz o quanto precisamos ajudar nossos alunos a lidarem com as emoções e compreender o outro. Goleman expõe a importância da escola e seus espaços e como eles são usados para construir significado:

A alfabetização emocional amplia nossa visão acerca do que é a escola, explicitando-a como um agente da sociedade encarregado de constatar se as crianças estão obtendo os ensinamentos essenciais para a vida – isto significa um retorno ao papel da educação (GOLEMAN *apud* REGO e ROCHA, 2009, p. aberta).

Assim, evidenciamos que a instituição responsável pela Educação Formal traz benefícios em questões de socialização e interação, e essa interação como descreve Vygotsky caminha em direção do propósito de alcançar a *“zona de desenvolvimento proximal”*, no qual se dá através dessas relações mediadas pelos professores e pelo outro.

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato dele criar a Zona de Desenvolvimento Proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros (VYGOTSKY *apud* LAMPREIA, 1992, p. 160).

A parceria e o trabalho em equipe, que também fazem parte do âmbito escolar, se mostram fortalecidas e mais significativas, evidenciando que a cooperação foi – e é – a melhor forma de trabalhar. Um aspecto que talvez não fosse tão evidente, na visão da professora B, no chão da escola:

“A diferença que eu achei, um pouco, do presencial para o não-presencial, é que as parcerias entre os professores ficaram mais fortes.” Professora B

Outro ponto destacado pela professora B foi a aproximação à tecnologia nas escolas públicas. Uma vez que ela relatou a escassez dos projetores na escola dela, percebemos que, agora, a escola pública precisou avançar na inserção da tecnologia na comunidade dos alunos e professores, criando um futuro chão da escola com mais ênfase na 5ª

competência da BNCC: cultura digital.

“Acho que a gente precisa se abrir mesmo a partir de agora dentro do chão da escola para inserir outras coisas, claro, na possibilidade de cada um. [Pensando] na escola pública, a gente vê na escola Estadual – a escola Municipal tem um pouco mais de recurso – que tem várias limitações, então dentro dessas limitações a gente está procurando formas de não parar no tempo. Tem gente que está parado no tempo, aplicando atividades de 2003.” Professora B

Cabe destacar que, mesmo que ambas as professoras relataram em suas respectivas entrevistas que o espaço não pode ser substituído pelo ensino a distância (EAD), elas também acreditam na cultura digital pertencente à esse chão da escola, e que o desenvolvimento e a autonomia dependem desse conjunto que é o chão da escola.

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA

Ao falar de educação, usaremos de base o autor e filósofo Saviani (2015, p. 286) que designa o termo dizendo que “a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos”. Compreendendo a educação dessa forma, e trazendo restritamente para o âmbito escolar, a escola é destacada em seu potente valor e verdadeiro papel, possibilitadora do desenvolvimento que permite experiências, vivências, construção de saberes, relações sociais, e saberes contextualizados. “A escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado” (SAVIANI, 2015, p. 288).

Sabe-se que nesse papel da escola, como local de ampla socialização e saber, cabe aos professores se debruçarem sobre os estudos e analisar suas práticas, em prol de uma formação continuada, para que sua função social se cumpra, principalmente, com qualidade. Cabe enfatizar também que a participação das famílias sempre foi importante nesse processo. Quando a família entende e exerce seu papel nessa formação, o desenvolvimento da criança é muito mais significativo e, conseqüentemente, de qualidade.

E não foi diferente quando o Ensino Remoto entrou em vigor. Mais uma vez os professores e gestores precisaram rever suas práticas e, agora por trás dos dispositivos móveis, computadores, ou qual a ponte de acesso para as aulas, precisaram ainda mais da participação dos responsáveis.



Na infância é o adulto quem faz as mediações e ajuda a dar significado para as coisas que estão à nossa volta, e é nessa interação com o outro em que o desenvolvimento se atrela. O psicólogo Vygotsky, descreve esse movimento dizendo que “o caminho do objeto até a criança e desta até ao objeto passa atravésde uma outra pessoa” (*apud* LAMPREIA, 1992, p. 139), ou seja, essa interação social, permite novas experiências e resultam em novos conhecimentos, e isso se desencadeia por toda a vida.

Ao pensar na importância do adulto, do outro e da escola para a vida do sujeito, os pais, familiares ou responsáveis também precisaram repensar o modo de olhar suas crianças, na determinação de ajudá-los a entender a importância da sua participação na instituição escolar e garantir a presença durante os dias letivos como propõe o Artigo 205 da Constituição Federal de 88:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Essa participação dos responsáveis no instante atual, em que os encontros acontecem nesse modelo remoto, contribui como suporte para que os alunos continuem sob os caminhos esperados de uma aprendizagem significativa.

Diferente do que algumas famílias presumem, seu papel é estar junto, incentivando autonomia e instigando a busca de soluções para seu dia-a-dia. O psiquiatra brasileiro Roberto Shinyashiki levanta a importância de diferenciar o tipo de ajuda aos filhos.

No desenrolar da vida, seu filho entrará em contato com o mundo. Por isso, é fundamental você estar junto dele. Não para fazer sua lição, mas para dar suporte e motivá-lo quando as coisas parecerem difíceis (SHINYASHIKI, 2012, p. 137).

Quando se fala em estar presente, significa muito mais do que estar nas reuniões de pais ou eventos, se trata, antes de tudo de, diariamente, acompanhar o processo de escolarização dos filhos, de estabelecer relações dos conteúdos com o dia a dia, de trazer palavras de incentivo e tudo que está relacionado a esse processo de desenvolvimento integral e que é contínuo e inacabado.

Em ambas as entrevistas, as professoras falam da importância dessa presença e ressaltam que essa atuação tem colaborado para a concretização das tarefas:

“Os pais têm ajudado de forma positiva, tem assumido o papel para contribuir no desenvolvimento de coordenação motora, praxia fina, em momentos de escrita, cópia, escrita.” Professora A

“Nas atividades, os alunos que estão participando a gente vê que os pais participam, mais ainda quando a gente tem reunião de pais, né? [...] Já teve algumas reuniões de pais, esses pais que entram são dos alunos que estão fazendo as atividades. Então a gente vê ali a participação de alunos que muitas vezes já participavam no presencial.” Professora B

É nítido que a participação da família nesses tempos pandêmicos se intensificou, com atividades que antes eram desenvolvidas somente pelos professores. Mas também é claro que, para alguns pais, a prioridade é o desenvolvimento significativo de seus filhos, realizando as atividades de acordo com o comando dos professores.

Também, pela fala das professoras, podemos ressaltar como isso não acontece em todas as famílias e fica claro como a escola pública tem muito mais ausência do que participação, ao contrário da escola particular.

“Meu Deus do céu! Dá vontade de atravessar a tela. O pai e a mãe fazem esse papel [de professor], assim, os meus pais pelo menos... Eu vejo que eles estão ali e eu vejo se a criança tá com dúvida, eu falo: – Chama a mamãe, chama o papai! E a mamãe vem e ajuda. E toda minha aula eu agradeço os pais. E ao terminar, eu falo: – Crianças, até amanhã, tchau, obrigada papais, mamães pela ajuda de hoje!” Professora A

“E essa participação é essencial, na verdade a gente percebe muito o perfil do aluno pelo perfil do responsável. Já vi aluno que estava ausente e o responsável é ausente, como cobrar alguma coisa? Não tenho como ir na casa do aluno e pedir para que ele faça a atividade, então, tem que ser o responsável para verificar mesmo. O 9º ano não são mais tão crianças, mas ao mesmo tempo eles estão ainda muito conectados com os pais, com os responsáveis.” Professora B

A professora B apresenta os responsáveis como “espelho” para os alunos, o que nos leva a refletir que a formação de sociedades mais justas também partem da instituição escolar, onde os alunos encontraram uma diversidade de novos espelhos.

Sabemos que as novas rotinas que a pandemia da COVID-19 nos trouxe fez com que a configuração da sociedade, e de cada família em particular, se alterasse em muitos aspectos, como, por exemplo, o tempo. Algumas famílias tinham mais tempo, outras menos, algumas mais recursos, outras menos, e isso implicou diretamente no cumprimento da demanda que a escola dos filhos pediam.

Então, analisando a sociedade, e considerando os possíveis contextos em que se



encontram, enxergamos que mesmo que os responsáveis não consigam estar acompanhando e participando dessa Educação Formal na integralidade da exigência escolar, deveriam entender a importância desse processo de educação dos filhos, empenhando para que esse caminho contínuo que é o desenvolvimento, se cumpra.

Refletimos também que a incidência da presença e acompanhamento das famílias na escola particular foi muito maior que a da escola pública, e que a participação das presentes foi de grande significado para ambas as professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após reflexão e análise das categorias, com as duas entrevistas das professoras A e B, da instituição privada e estadual, respectivamente, nos atentamos sobre como o ensino-aprendizagem está sendo fundamentado de acordo com o contexto cultural, social e financeiro de cada escola, e como ela se dispõe a trabalhar da melhor maneira possível com os recursos fornecidos, com professores buscando métodos e recursos alternativos para que a concretização das intenções educacionais aconteçam.

Também refletimos sobre como a significância e afetividade dentro da adaptação desse modelo de Ensino Remoto ressaltou e convalidou o desenvolvimento dos encontros e dos indivíduos, uma vez que tem resgatado, de uma forma diferente, os alunos. Vale ressaltar que o ensino privado e público, no quesito acessibilidade, se deram com maior e menor qualidade, respectivamente.

Percebemos que a adaptação e transformação do currículo nessa medida de emergência se deu na medida que os responsáveis pelas escolas sentiram a necessidade de facilitar e organizar diferentemente os conteúdos para a continuidade do Ensino Formal, fazendo com que houvesse prosseguimento no ensino, mesmo nesse modelo remoto, e isso instigou os profissionais, tanto da rede particular quanto da pública, a buscarem metodologias alternativas para afetarem seus alunos. Os planejamentos, seguidos do currículo, envolvem ações para fortalecer a presença e engajar os alunos durante as aulas.

O que não exclui a importância do chão da escola. A falta do ambiente escolar nessa nova rotina dos envolvidos é dificultoso e é de comum acordo que jamais poderá ser substituído. Tanto a escola pública quanto a privada dependem desse ambiente para

estruturar seus alunos socialmente, e acreditamos que a primeira mais que a segunda, devido aos recursos e exemplos escassos que possuem em casa.

Como vimos, a participação das famílias no processo educacional dos alunos é significativa. As famílias que são participativas e ajudam no processo de desenvolvimento e construção de conhecimento de seus filhos fazem a diferença na qualidade de vida desses sujeitos, mas sabemos, também, que essa não é a realidade de todas as famílias. Mais comum no ensino público que o privado, a ausência total das famílias e alunos nessa adaptação da educação nesses tempos pandêmicos foi majoritária e preocupante, onde acreditamos estar a maior fenda de ambas as educações: a acessibilidade.

Ficaram marcantes as diferenças das ações escolares sobre o atual momento da pandemia, através dos relatos de ambas professoras, com relação à materiais, recursos, métodos e bases familiares, porém o trabalho que está sendo realizado demonstra o compromisso com os alunos enquanto sujeitos em construção e com propósito de continuar com uma Educação de qualidade mesmo com tantos desafios.

É possível fazer relação das situações vivenciadas pelas escolas A e B com o livro *“Vozes no Parque”* de Anthony Browne, pois, diante de um mesmo cenário, várias realidades e pontos de vista se erguem e, enquanto indivíduos em isolamento devido a pandemia da COVID-19, discutimos Educação e seus desafios, e para cada fala se faz preciso ouvir com uma escuta atenta, considerando todos os contextos em que ambas estão inseridas.

Destaca-se a preocupação das educadoras em organizar os conteúdos que fazem parte do currículo escolar e como concretizar as intenções educacionais garantindo a compreensão dos alunos. Em relação ao desenvolvimento das aulas, nota-se durante a discussão o quanto a escola privada, com seus recursos, consegue manter um número de alunos mais presentes, oposto da escola pública que, mesmo com a professora B relatando suas estratégias e envolvimento para poder instigar a participação de seus alunos durante as aulas, não obteve a mesma taxa de sucesso. É claro que a quantidade de alunos das escolas públicas e privadas são diferentes e isso também diz respeito à desigualdade social.

A preocupação com a Educação em sua potencialidade, direito e qualidade na vida dos indivíduos que atualmente se encontram distante desse processo de ensino-aprendizagem deve ser mencionada. Diante desse contexto, no âmbito

educacional, é ainda mais nítido a “pedagogia dos oprimidos” (FREIRE, 1970, p. 16), ganhando força e evidências das diferenças econômicas influenciando o processo de ensino e aprendizagem no nosso país e, infelizmente, aumentando a lacuna do ensino de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Brasil: de colônia a Império, História da Educação e da Pedagogia. Geral e do Brasil.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006, p. 219-233.

_____. **O Brasil do século XVII, História da Educação e da Pedagogia.** Geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006, p. 162-66.

BBC News. **Coronavírus:** as estratégias e desafios dos países que estão reabrindo suas escolas. BBC NEWS. Publicado em 18 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52944468>. Acesso em: 10/11/2020.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicado em 6 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 11/11/2020.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2003.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em ciências sociais. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 11/12/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em 15/12/2020.

_____. Ministério da Saúde. **Protocolo de Manejo Clínico para o Novo Coronavírus (2019-nCoV).** 2020. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/11/protocolo-manejo-coronavirus.pdf>. Acesso em: 10/11/2020.

BROWNE, Anthony. **Vozes no Parque.** Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. **Relação professor-aluno:** uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Curitiba: Educere, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8019_4931.pdf. Acesso em: 10/11/2020.

COLL, César. **Organização do Trabalho Pedagógico, Pensadores da Educação.** Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=330>. Acesso em: 16/11/2020.

_____. **Psicologia e Currículo.** São Paulo: Ática. 1997.

ESTRELLA, Bianca; LIMA, Larissa. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia.** Publicado em 28 de abril de 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia> Acesso em: 12/11/2020.

FARIAS, Júlio Augusto; RABELO, Katia Martinho. **A adequação do conceito de Educação a Distância e suas potencialidades nas escolhas didáticas para a Educação Básica no contexto do distanciamento social proposto durante a Pandemia de COVID-19 em 2020.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://abepar.com.br/links/Aadequa%C3%A7%C3%A3odoconceitodeEduca%C3%A7%C3%A3oDist%C3%A2nciaSuas%20potencialidades.pdf>. Acesso em: 16/11/2020.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 38. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOLEMAN, Daniel; SENGE, Peter. **O foco triplo: uma nova abordagem para a educação.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

GONZAGA, Ana. **Rudolf Steiner: o defensor da sensibilidade.** Nova Escola. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1900/rudolf-steiner-o-defensor-da-sensibilidade>. Acesso em: 11/11/2020.

GOODSON, Ivor. **Currículo: teoria e história.** Petrópolis: Vozes, 1995.

LAMPREIA, Carolina. **As propostas anti-mentalistas no desenvolvimento cognitivo: uma discussão de seus limites.** Capítulo 3: Linguagem, Internalização e Cognição em Vygotsky. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/8526601_92_cap_03.pdf. Acesso em: 15/11/2020.

LIMA, Cláudio Márcio Amaral de Oliveira. **Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19).** Radiologia Brasileira. v. 53, n. 2, p. V-VI, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-39842020000200001&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 10/11/2020.

LONGO, Bruno Henrique Mesquita. **As contribuições de Paulo Freire na Educação de jovens e adultos.** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Escola da Educação, 2007. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/BrunoHenriqueMesquitaLongo.PDF>. Acesso em:

12/11/2020.

NOBRE, Jards. **Escola ou Colégio:** Em qual você acredita? Publicado em 19 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.diariodequixada.com.br/opinia/escola-ou-colegio-em-qual-voce-acredita/#:~:text=As%20institui%C3%A7%C3%B5es%20privadas%20que%20oferecem,o%20ensino%20m%C3%A9dio%20ou%20n%C3%A3o.&ext=Embora%20se%20tente%20precisar%20o,col%C3%A9gio%E2%80%9D%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o%20privada>. Acesso em: 07/11/2020.

PEREZ, Ernesto Monteiro; ROSTAS, Márcia Helena Sauaia Guimarães. **O currículo e o sujeito em formação:** análise das propostas curriculares dos cursos, na modalidade a distância, ofertados pelo IFSul. Pelotas. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/imagensdajustica/files/2018/03/O_CURRICULO_E_O_SUJEITO_EM_FORMACAO.pdf. Acesso em: 11/11/2020.

RÊGO, Claudia Carla de Azevedo Brunelli; ROCHA, Nívea Maria Fraga. **Avaliando a educação emocional:** subsídios para um repensar da sala de aula. v. 17, n. 62, p. 135-152, 2009.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **A fase pombalina da escolarização colonial, História da Educação Brasileira:** a organização escolar. 21. ed. Campinas/SP: Autores Associados: Histedbr, 2001, pp. 16-22.

SANTOS, Jair de Oliveira. **Educação emocional na escola:** a emoção na sala de aula. Salvador: Faculdade Castro Alves. 2000.

SAVIANI, Dermeval. **História da História da Educação no Brasil:** um balanço prévio e necessário. São Paulo: Uninove. 2008. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/saviani-historia-da-historia-da-educacao-no-brasil-um-balanco-previo-e-necessario.pdf>. Acesso em: 12/10/2020.

_____. **Sobre a natureza e especificidade da educação.** Salvador. Germinal: Marxismo e Educação em Debate. v. 7, n. 1, p. 286-293, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13575/9519>. Acesso em: 10/11/2020.

SHINYASHIKI, Roberto. **Conquiste seus alunos.** São Paulo: Editora Gente, 2011.
TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem:** as contribuições da teoria walloniana. *Educação* 36.2, 2013, p. 262-271.

VALENTE, Jonas. **Covid-19:** veja como cada estado determina o distanciamento social. Agência Brasil. Publicado em 1º de abril de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/covid-19-veja-como-cada-estado-determina-o-distanciamento-social>. Acesso em: 10/11/2020.

ANEXO

Questionário Prévio

1. Qual a sua concepção sobre o processo de ensino-aprendizagem no atual momento que estamos vivendo?
2. Vocês tiveram alterações no currículo? Isso foi passado para vocês? Como foi passado isso para vocês professores? Tiveram orientações?
3. Como se dá a organização dos conteúdos a serem abordados durante as aulas?
4. Como foi o suporte material para as aulas? Quais foram as limitações?
5. Há uma participação das famílias no que se diz respeito à contribuição no desenvolvimento das crianças (Exemplo: nas atividades, tarefas, apoio, ajuda...)?
6. Quais os avanços e recuos na aprendizagem dos alunos durante as aulas? E, o que você acha que foi uma vantagem e uma desvantagem dessas aulas remotas?
7. Dentro da sua perspectiva, o “chão da escola” pode ser substituído pelo ensino a distância?
8. Quais foram os métodos utilizados de ensino-aprendizagem que foram renovados, excluídos ou remanejados?
9. Como tem sido a relação afetiva entre professor-aluno, durante esse movimento de Ensino Remoto?
10. Como ficou o psicológico do professor?
11. O método em plataformas *online* para o ensino, prejudica muito o ensino? Como a escola/pais/alunos lidaram com isso no começo da pandemia?
12. Qual sua opinião sobre o Ensino Remoto na escola e como isso influencia nosso progresso educacional no Brasil?
13. O trabalho do professor está sendo realizado a ponto de afetar os alunos?